

MOISÉS, TIAGO, OS CRENTES E AS MÍDIAS SOCIAIS

*Mauro Fernando Meister**

RESUMO

Este artigo procura avaliar pastoralmente a maneira como os cristãos dos dias atuais devem cumprir o Nono Mandamento e as orientações de Tiago, no capítulo 4 de sua epístola, ao consumirem e publicarem conteúdos nas mídias sociais.

PALAVRAS-CHAVE

Os Dez Mandamentos; Nono mandamento; Mídias sociais; Comportamento; Julgamento.

1. COMO EXPLICAR O TÍTULO DESTES ARTIGO?

Cada geração de cristãos, composta por aqueles que, de fato, fazem parte da igreja militante do Senhor, precisa entender seus desafios particulares diante da verdade e princípios que encontramos na Palavra de Deus, princípios estes que servem a todas as gerações e que emanam do caráter moral do Senhor conforme revelados por ele mesmo.

De forma particular, neste breve artigo de natureza pastoral, escolhi como textos chaves a serem explorados o Nono Mandamento e a exortação de Tiago no quarto capítulo de sua epístola, certamente ligado a esse mandamento mosaico:

Não dê falso testemunho contra o seu próximo (Êx 20.16).

Irmãos, não falem mal uns dos outros. Aquele que fala mal do irmão ou julga o

* Doutor em Literatura Semítica (D.Litt.) pela Universidade de Stellenbosch, na África do Sul; professor de Antigo Testamento; diretor do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e um dos pastores da Igreja Presbiteriana Barra Funda, em São Paulo. Desenvolve um projeto de Mídias Sociais no canal Igreja Expositiva (@igrejaexpositiva).

seu irmão fala mal da lei e julga a lei; ora, se você julga a lei, não é observador da lei, mas juiz. Um só é Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e fazer pecar. Mas quem é você para julgar o seu próximo? (Tg 4.11–12).

Assim entenderam nossos irmãos que nos deixaram o precioso *Catecismo Maior de Westminster* (CMW), com suas profundas e amplas interpretações de cada um dos mandamentos:¹

144. Quais são os deveres exigidos no nono mandamento?

Os deveres exigidos no nono mandamento são: conservar e promover a verdade entre os homens e a boa reputação de nosso próximo, assim como a nossa; evidenciar e manter a verdade, e de coração, sincera, livre, clara e plenamente falar a verdade, somente a verdade, em questões de julgamento e justiça e em todas as mais coisas, quaisquer que sejam; considerar caridosamente os nossos semelhantes; amar, desejar e ter regozijo pela sua boa reputação; entristecer-nos pelas suas fraquezas e encobri-las, e mostrar franco reconhecimento dos seus dons e graças; defender sua inocência; receber prontamente boas informações a seu respeito e rejeitar as que são maldizentes, lisonjeadoras e caluniadoras; prezar e cuidar de nossa boa reputação e defendê-la quando for necessário; cumprir as promessas lícitas; empenhar e praticar tudo o que é verdadeiro, honesto, amável e de boa fama.

Lv 19:15; Ef 4:25; Pv 14:5; 17:9; 22:1; 25:23; 26:24,25; 31:9; Sl 15:2-4; 82:3; 101:5; 119:158; II Cr 19:9; Jr 9:3; 42:4; Jo 8:49; At 20:20,27; Rm 1:8; I Co 1:4,5; 13:4-7; II Co 1:17,18; 11:18,23; 12:21; Fp 4:8; Cl 3:9; II Tm 1:4,5; I Pe 1:8; III Jo 3,4,12; Hb 6:9.

145. Quais são os pecados proibidos no nono mandamento?

Os pecados proibidos no nono mandamento são: tudo quanto prejudica a verdade e a boa reputação de nosso próximo, bem assim a nossa, especialmente em julgamento público, o testemunho falso, subornar testemunhas falsas, aparecer e pleitear cientemente a favor de uma causa má; resistir e calcar à força a verdade, dar sentença injusta, chamar o mau, bom e o bom, mau; recompensar os maus segundo a obra dos justos e os justos segundo a obra dos maus; falsificar firmas, suprimir a verdade e silenciar indevidamente em uma causa justa; manter-nos tranquilos quando a iniquidade reclama a repreensão de nossa parte, ou denunciar outrem, falar a verdade inoportunamente, ou com malícia, para um fim errôneo; pervertê-la em sentido falso, ou proferi-la duvidosa e equivocadamente, para prejuízo da verdade ou da justiça; falar inverdades, mentir, caluniar, maldizer, depreciar, tagarelar, cochichar, escarnecer, vilipendiar, censurar temerária e asperamente ou com parcialidade, interpretar de maneira má as intenções, palavras e atos de outrem; adular e vangloriar; elogiar ou depreciar demasiadamente a nós mesmos ou a outros, em pensamento ou palavra; negar os dons e as graças de Deus; agravar as faltas menores; encobrir, desculpar e atenuar os pecados

¹ Disponível no site da Igreja Presbiteriana do Brasil: https://ipb.org.br/content/Arquivos/Catecismo_Maior_de_Westminster.pdf, p. 38-39. Acesso em: 19 maio 2022.

quando chamados a uma confissão franca; descobrir desnecessariamente as fraquezas de outrem e levantar boatos falsos; receber e acreditar em rumores maus e tapar os ouvidos a uma defesa justa; suspeitar mau; invejar ou sentir tristeza pelo crédito merecido de alguém; esforçar-se ou desejar o prejuízo de alguém; regozijar-se na desgraça ou na infâmia de alguém; a inveja ou tristeza pelo crédito merecido de outros; prejudicar; o desprezo escarnecedor; a admiração excessiva de outrem; a quebra de promessas legítimas; a negligência daquelas coisas que são de boa fama; praticar ou não evitar aquelas coisas que trazem má fama, ou não impedir, em outras pessoas, tais coisas, até onde pudermos. Gn 3:5,12,13; 4:9; 9:22; 21:9; 26:7,9; Ex 23:1; Lv 5:1; 19:11,15-17; I Sm 2:24; 22:9,10; II Sm 12:13,14; IRs 21:8; Is 5:23; 28:22; 29:20,21; 58:1; 59:4,13; Jr 9:3; 20:10; 48:27; Sl12:2,3; 15:3; 22:9,10; 35:15,16; 50:20; 52:1-4; 56:5; 69:10; Pv 6:16-19; 16:28; 17:15; 19:5; 25:9; 28:13; 29:11,12; Dn 6:3,4; Ed 4:12,13; Mt 7:1,3; 21:15; 26:60,61; 27:28,29; Lc 3:14; 18:11; Jo 2:19; 7:24; At 5:3; 6:13; 7:57; 12:22; Fp 3:18,19; Cl 3:9; Rm 1:29-31; 2:1; 3:8; I Co 3:21; 6:10; 13:4,5; Gl 4:29; 5:26; II Tm 3:2,3; 6:4; II Pe 2:2; Tg 2:13; 4:11; Tt 3:2; Jd 16.

No mundo de nossos dias, quando a verdade parece ter perdido o sentido e o relativismo tornou-se absoluto, uma verdadeira contradição, o cumprimento do nono mandamento e a obediência à exortação de Tiago tornaram-se tarefas confusas. Pela simples leitura das perguntas e respostas acima, os deveres exigidos e os pecados proibidos no mandamento, fica claro que os intérpretes de Westminster entenderam que dar falso testemunho tem grande amplitude e impacto na vida do próximo e da sociedade.² Hamilton comenta:

Precisamos lembrar que o nono mandamento não trata apenas de mentir, mas também sobre mentir ao ou sobre o “próximo”. O que essa mentira, ou fofoca ou rumor causa ao próximo? A preocupação é com o dano à comunidade, mais do que com a consequência individual. As últimas duas leis do Decálogo enfatizam especialmente o próximo e uma vizinhança saudável.³

Assim, tanto Tiago como uma ampla gama de autores, no Antigo e no Novo Testamentos, ampliam a interpretação do mandamento além do ambiente de julgamento em tribunal para a aplicação no contexto dos relacionamentos

² A compreensão mais estrita do mandamento refere-se ao testemunho em um tribunal. Alan Cole explica: “Uma vez que, em uma sociedade simples do deserto, quase todos os crimes eram acusações capitais, ‘testemunho falso’ bem-sucedido seria equivalente a assassinato. Para se proteger contra isso, uma testemunha também devia ser o carrasco (Dt 17.7), para que ele pudesse incorrer em culpa de sangue se estivesse mentindo. Testemunhas falsas figuram em grande parte no Antigo Testamento (por exemplo, IRs 21.10), como em qualquer terra onde a pobreza extrema expõe os homens à tentação de suborno”. COLE R. Alan. *Exodus: An Introduction and Commentary*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1973, 2:168–169. Por esta razão, também é exigido o duplo testemunho em casos capitais, conforme Nm 35.30 e as próprias testemunhas serviriam como executoras da pena capital (Dt 17.7).

³ HAMILTON, Victor P. *Êxodo*. Comentários do Antigo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 515.

pessoais e sociais: não falem mal uns dos outros! Desde o capítulo três, Tiago vem falando dos “pecados da língua” e dos tropeços no falar. Em 4.11-12, especificamente, ele repreende a quebra do nono mandamento dentro da comunidade como uma afronta a Deus e sua lei. A expressão grega condena o falso julgamento de um irmão como um ato de rebelião, assim como é a rebelião contra a autoridade divina (Nm 21.5) e o falar mal em secreto (Sl 101.5).

Logo, dentro de uma vizinhança global, qual tem sido o impacto dos cristãos ao se comunicarem por meio das mídias, ao tornarem seus diálogos, anteriormente privados ou restritos à sua comunidade, públicos e amplamente conhecidos por meio de seus teclados e telas? Qual o impacto disso sobre aqueles que estão fora da comunidade cristã e, também, dentro dela? Como devemos refletir sobre nosso uso e comunicação nas mídias sociais?

2. AS MÍDIAS SOCIAIS E A COMUNICAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Certamente, as mídias sociais do tempo de Moisés e Tiago eram de formato bem diferente das mídias que temos hoje.⁴ Desde o advento da internet e suas múltiplas plataformas de comunicação e exposição, temos encontrado o enorme desafio de como devemos nos portar diante delas. Por um lado, temos uma grande porta e oportunidade de exposição do evangelho como nunca encontramos na história da comunicação humana. O que a internet globalizada é hoje para nós corresponde ao impacto que a *Pax Romana* e o grego comum (*koiné*) tiveram nos tempos do Novo Testamento e a criação do livro impresso teve nos tempos da Reforma Protestante: oportunidade e portas abertas para o grande anúncio da boa nova!⁵

Contamos, ainda, com a rapidez e instantaneidade das redes. A comunicação, a notícia, a voz, a imagem, tudo é imediato. Acompanhamos grandes feitos e grandes tragédias ao vivo. Por outro lado, as mesmas características que nos trazem essas grandes oportunidades e vantagens, abriram as portas para grandes dilemas: comunicação sem reflexão, comunicação despersonalizada, julgamento público facilitado, criação de novas “autoridades” sociais totalmente despreparadas para o impacto que causam nas mídias e tantas outras dificuldades que têm afetado a vida de muitos cristãos, líderes e ministros do evangelho. Não é incomum ouvir sobre pastores e líderes que caem em verdadeira desgraça por conta de suas comunicações em mídias sociais.

Uma das grandes dificuldades enfrentadas diante do desafio das mídias está na incapacidade ou falta de reflexão para aplicar os princípios bíblicos de comunicação aos novos meios. Pense que em tempos passados, para se

⁴ Alega-se que Moisés foi um dos primeiros personagens bíblicos a carregar “tablets” trazendo as instruções divinas.

⁵ Para uma abordagem sobre a necessidade da nossa presença nas mídias e o uso reflexivo e intencional, apologético, recomendo: STRANGE, Daniel. *Conectados: relacionando sua fé com o que você assiste, lê e ouve*. São Paulo: Vida Nova, 2021.

comunicar sem que estivéssemos face-a-face, o tempo de composição, envio e chegada de uma mensagem era longo. Poderia levar horas dentro de uma cidade; dias, semanas, meses ou até mesmo anos quando entre cidades, países ou continentes. A comunicação precisava ser mais pensada e refletida para cumprir com eficácia o seu propósito.

Com a criação dos telégrafos e depois dos telefones, a comunicação sem o olho no olho passou a ter uma rapidez impressionante, antes não imaginada. Entretanto, a princípio estes meios de comunicação tinham o propósito de transmitir o que era imediatamente importante, necessário, e, por fim, superar as dificuldades e transtornos causados, principalmente, pela espera. Com a invenção do rádio e da televisão, meios de comunicação unidirecionais, passamos a ser consumidores de comunicação imediata, antes veiculada pelos meios escritos. Estas mídias passaram a comunicar a muitos ao mesmo tempo, muito rapidamente e, finalmente, em tempo real.

Posteriormente vieram o computador pessoal, os telefones pessoais, os smartphones e tablets.⁶ Estes criaram um ambiente novo para a vida das comunicações e, também, para a falta dela. Os problemas levantados anteriormente, como a comunicação impessoal e irrefletida foram potencializados pelas novas tecnologias de comunicação. Os telefones móveis tornaram-se para uma grande maioria das pessoas uma extensão do corpo: enxergamos coisas onde não estamos e nos comunicamos a qualquer distância com pessoas que não estão na nossa presença. Para muitos, os telefones tornaram-se os olhos, a língua, os dedos e, muitas vezes, o próprio cérebro.⁷ A comunicação em jornais e revistas passou a ser, na prática, quase que síncrona, forçando a competição pela rapidez, pouca checagem de veracidade e pouca responsabilidade da parte de quem publica.

Termino esta seção com uma nova pergunta: Como esse novo tipo de comunicação afetou a maneira de muitos cristãos se comunicarem e tem levado muitos que têm usado as mídias sociais a quebrar o Nono Mandamento e ignorar a exortação de Tiago no capítulo quarto de sua epístola? Na próxima seção vamos analisar a interpretação do *Catecismo Maior de Westminster* sobre os deveres e proibições do mandamento com relação ao testemunho a respeito do próximo e como isto tem sido um problema nas novas formas de comunicação.

⁶ Para uma rápida história do desenvolvimento da internet e das redes sociais, ver: MARTIN, Chris. *Terms of Service: the real cost of social media*. Nashville: B&H Publishing Group, 2022. Capítulo 1. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/_/AOdaEAAAQBAJ?hl=en&gbpv=1. Acesso em: 7 maio 2022.

⁷ Sobre as muitas dificuldades que a atual geração enfrenta diante destas tecnologias, recomendo o livro: REINKE, Tony. *12 maneiras como seu celular está transformando você*. São Paulo: Editora Concílio: 2020. Posso afirmar que foi um dos livros mais úteis que li nos últimos tempos, como um alerta e reflexão do que eu, pessoalmente, preciso mudar com relação a meus hábitos de uso dessas tecnologias.

3. OS NOSSOS DEVERES PARA COM O PRÓXIMO NO NONO MANDAMENTO

Sem ser exaustivo a respeito de cada tópico abordado na interpretação do CMW, procurarei desenvolver o argumento a respeito da comunicação nas mídias usando as categorias maiores apontadas nas respostas às perguntas 144 e 145, sobre os deveres exigidos e os pecados proibidos no mandamento.

3.1 *Conservar e promover a verdade*

Eis as coisas que vocês devem fazer: Que cada um fale a verdade com o seu próximo (Zc 8.16).

Dentro da atual cultura de cancelamento prevalente nas mídias, um dos valores pouco observados ao publicar são os deveres apontados no CMW: “... conservar e promover a verdade entre os homens e a boa reputação de nosso próximo, assim como a nossa”. Ambientes de mídia, desde grupos de discussão até os fóruns públicos como os perfis de Facebook, Instagram, Youtube e Twitter tornaram-se o *locus* de declarações constantes sobre fatos e pessoas, muitas vezes intencionalmente gravados e postados, com o fim de obter atenção e popularidade. O volume de seguidores e o engajamento com perfis de mídias tornou-se, para muitos, um meio de vida muito lucrativo e a possibilidade de vender, receber propostas financeiras e, literalmente, viver disso, tornou-se uma nova profissão, o que, em si, não representa mal algum. Porém, como em qualquer campo de atuação no mundo caído, os abusos acontecem e os fins passam a justificar os meios. Uma das maneiras mais atrativas de ajuntar seguidores em mídias é por meio de assuntos e temas polêmicos e, para criar a polêmica, nem sempre importa a verdade, os meios ou mesmo a reprodução da mentira por aqueles que buscam seguidores virtuais.

Infelizmente, esse tipo de atuação midiática tornou-se o padrão para alguns cristãos que, irrefletidamente ou, em processos de negação da verdade, atuam dessa maneira e acabam tornando-se o “padrão dos fiéis”. Meu ponto aqui não é dar exemplos do que aconteceu ou acontece nem mesmo citar perfis ou postagens, mas chamar a atenção do leitor para a seriedade com que devemos interpretar o Nono Mandamento no uso das mídias sociais, evitar o que é falso e preservar a verdade.

O *Catecismo Maior de Westminster Comentado* por Johannes Geerhardus Vos, aponta que o nono mandamento tem um alcance geral que “é a santidade da verdade e da honestidade na sociedade humana e o dever de conservar a boa reputação, tanto a nossa quanto a do nosso próximo”.⁸ E como isto é negligenciado

⁸ VOS, Johannes Geerhardus. *Catecismo Maior de Westminster comentado*. São Paulo: Projeto Os Puritanos/CLIRE, 2007, p. 443.

comumente? O simples fato de replicar uma postagem, encaminhar um vídeo, mesmo que seja por “brincadeira”, no uso dos famosos memes virais, pode ser um desrespeito direto na relação de “conservar e promover a verdade entre os homens” e corromper a santidade da verdade, mesmo com o *disclaimer* “será que é isto verdade?” (“Não espalhe notícias falsas e não entre em acordo com o ímpio, para ser testemunha maldosa”, Êx 23.1).

É certo que a atitude de falar dos outros sempre foi, desde a queda, a maneira de competir e desdenhar do semelhante que foi criado à imagem e semelhança do Criador, seja por meio de conversas públicas ou particulares. O fato, entretanto, é que o uso das mídias com nossos *smartphones* e computadores como extensões do nosso corpo tornaram o meio de quebrar o mandamento algo muito fácil, rápido e com largo alcance. Os efeitos desse tipo de atitude afetam tanto aquele que pratica o ato quanto aquele que se torna o alvo de difamação e vítima da disseminação de mentiras. Isso tanto vale para pessoas como para ministérios, serviços e tantas outras situações que envolvem a necessidade da verdade.

Um dos perigos da exposição da mídia e da virtualidade é que podemos ter a impressão de que ao falar a respeito de outras pessoas não estamos tratando com o nosso próximo, mas com um avatar, com a própria máquina ou com uma imagem que não representa outro ser humano, desumanizando o nosso semelhante. Por outro lado, aquele que é alvo de uma difamação virtual pode, eventualmente, deixar de se preocupar com sua própria boa reputação, tornando-se calejado e não se importando com sua fama, quebrando, da mesma forma, o mandamento de Deus.

Assim, sempre cabem ao cristão perguntas, em sua comunicação de mídias, sobre se o que é dito promove ou prejudica a verdade a respeito de si mesmo e do próximo.

3.2 Evidenciar e falar plenamente a verdade

Quanto a Demétrio, todos dão bom testemunho dele, até a própria verdade. E nós também damos testemunho, e você sabe que o nosso testemunho é verdadeiro (3Jo 12).

Abra a boca a favor do mudo, pelo direito de todos os desamparados. Abra a boca, julgue retamente e faça justiça aos pobres e aos necessitados (Pv 31.8–9).

Não seja injusto ao julgar uma causa, nem favorecendo o pobre, nem agradando o rico; julgue o seu próximo com justiça (Lv 19.15).

Algo que deve ser evidente em toda a nossa forma de comunicação cristã, seja nas mídias ou fora delas, é preservar a verdade e buscá-la de forma plena. Esta é uma área de santificação que deveria ser a busca de todo verdadeiro

cristão. Afinal, nosso Senhor é a verdade, a sua palavra é a verdade e cabe a nós andarmos na verdade e na luz.

Parece, entretanto, que esse quesito se dissipa no contexto das mídias, por razões semelhantes às apontadas anteriormente: facilitação, velocidade, falta de reflexão e a virtualidade, algo que não está diante dos olhos e não parece, então, ser algo real. É certo que muitos não fariam face a face o mesmo tipo de comentário ou conversa que desenvolvem no mundo virtual, o que faz com que o compromisso com a verdade não seja plenamente mantido.

Na arena das mídias as características apontadas na interpretação do nono mandamento parecem não ter relação direta com os interlocutores da comunicação: “evidenciar e manter a verdade, e de coração, sincera, livre, clara e plenamente falar a verdade, somente a verdade, em questões de julgamento e justiça e em todas as mais coisas, quaisquer que sejam”. Nos últimos anos as mídias tornaram-se um tribunal público onde pessoas são imediatamente julgadas sem que haja o esforço de manter e evidenciar a verdade. Os discursos e debates, em geral, são orientados por um “bate-boca” infantil, no qual a rapidez e celeridade do teclado tornam tanto a verdade quanto a reputação do outro irrelevantes. Quantos destes debates em torno de pessoas, doutrinas, situações eclesiais e opiniões particulares sobre o próximo se desenvolvem como debate frívolo, no qual as qualidades do discurso cristão acima descritas são descartadas com grande facilidade e o real interesse pela verdade deixa de ser o ponto fundamental do que deveria se desenvolver como um diálogo cristão.

Ao nos comunicar nas redes sociais deveríamos sempre estar mais atentos ao texto da Escritura: dar testemunho verdadeiro e zeloso pela verdade, abrir a boca para julgar retamente e julgar o próximo com justiça. Lembrando, porém, que nosso papel fundamental como cristãos não é tecer julgamento e fazer das mídias um tribunal público das coisas que devem ser julgadas em suas devidas instâncias, privadas ou comunitárias. Muitos temas que pertencem à vida da igreja local acabam tornando-se motivo de vergonha quando são trazidos ao âmbito público e ao tribunal ilegítimo das mídias.

3.3 Considerar caridosamente nossos semelhantes, amar, desejar e ter regozijo pela sua boa reputação

O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (1Co 13.6–7).

Pois fiquei muito alegre quando os irmãos vieram e deram testemunho de que você é fiel à verdade e vive de acordo com a verdade. Não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que os meus filhos vivem de acordo com a verdade (3Jo 3–4).

Uma das características mais marcantes das comunicações das mídias sociais pode ser a impessoalidade e, aparentemente, a impessoalidade leva à

ausência de caridade. Vemos cristãos comunicando-se nas mídias, inclusive pastores e líderes, de maneira que, normalmente, não fariam pessoalmente. Novamente enfatizo: as mídias têm servido na vida de alguns como um potencializador do pecado pela falta de reflexão e autoexame nas comunicações.

Como expresso na interpretação do mandamento, é fundamental a consideração caridosa de nosso semelhante ao falar e nos manifestar sobre ele. Palavras rancorosas e sem amor coladas em perfis de mídias sociais são a negação da capacidade de ver a imagem de Deus em nosso semelhante. O amor à reputação do próximo é amor à reputação daquele que o criou. Mesmo o homem caído retém, de maneira distorcida, a imagem do Criador e deve ser tratado com a dignidade devida. Essa verdade é potencializada quando tratamos aquele que foi refeito à imagem do Filho de Deus.

Se for nosso desejo manter a fidelidade à Palavra de Deus em nossas comunicações em mídias sociais, precisamos desenvolver uma compreensão ampla das consequências da nossa comunicação e a necessidade do uso da caridade cristã. Uma dessas características é entender a caridade e o amor cristãos como uma virtude e não somente como a contenção de mau comportamento. “Amar, desejar e ter regozijo pela sua boa reputação; entristecer-nos pelas suas fraquezas e encobri-las” demanda mais do que não falar mal ou conter-se de falar, mas desenvolver o hábito da bondade e caráter para termos coragem de viver os valores cristãos diante do mundo.

Nossa intencionalidade ao nos comunicar nas mídias sociais deve estar muito acima do desejo de popularidade e busca de seguidores, mas no uso da tecnologia que nos foi disposta por meio da graça comum para nos ajudar a ser quem devemos, de fato, ser: gente de boa reputação que ama e preza a reputação do próximo.

Além disso, resta-nos considerar a necessidade do testemunho a ser dado para os de fora quanto ao nosso trato dos irmãos na fé. Pedro nos exorta: “Amados, peço a vocês, como peregrinos e forasteiros que são, que se abstenham das paixões carnis, que fazem guerra contra a alma, tendo conduta exemplar no meio dos gentios, para que, quando eles os acusarem de malfeitores, observando as boas obras que vocês praticam, glorifiquem a Deus no dia da visitação” (1Pe 2.11–12) e, também, “Mas façam isso com mansidão e temor, com boa consciência, de modo que, naquilo em que falam mal de vocês, fiquem envergonhados esses que difamam a boa conduta que vocês têm em Cristo” (1Pe 3.16). Da mesma forma como somos exortados a não falar mal uns dos outros, recebemos o peso da exortação de termos conduta santa para que, ao sermos caluniados, não sejamos repreensíveis.

3.4 *Entristecer-se pelas fraquezas e encobri-las e mostrar reconhecimento dos dons e graças*

Quem encobre a transgressão fortalece a amizade, mas o que insiste no assunto separa os maiores amigos (Pv 17.9).

Acima de tudo, porém, tenham muito amor uns para com os outros, porque o amor cobre a multidão de pecados (1Pe 4.7–8).

Mídias são, por natureza, lugar de exposição e, não há como negar que certos tipos de exposição são necessários diante de sociedades, governos e instituições que se escondem para a prática da corrupção, por vezes, a própria igreja institucionalizada. Entretanto, por serem as mídias lugar de exposição, muitos adotam a prática da superexposição pessoal e institucional, sentindo-se na necessidade de expor tudo e todos em todos os contextos. Ocorre aí uma inversão de princípios que deveriam ser caros aos cristãos. Em primeiro lugar, porque a Escritura estabelece padrões e passos que todos os cristãos deveriam seguir em todos os ambientes de convivência e segrega determinadas condutas a ambientes restritos, seja ao contexto da própria igreja, de suas autoridades ou entre dois cristãos apenas.

Entretanto, vê-se que as mídias passaram a ser, para muitos, o lugar de “expor a transgressão” deixando de tratá-la biblicamente. Nesse ponto, a exclusividade do tratamento mútuo na direção da santificação torna-se um campo de batalha com audiência externa, uma arena da exposição daquilo de mais feio que há em nós, a nossa falta de santificação. É fato que nós fomos salvos exclusivamente pela graça ao ter nossos pecados cobertos pelo sangue de Cristo para que possamos caminhar na direção da maturidade desse nosso Senhor e Salvador: “Por isso eu, o prisioneiro no Senhor, peço que vocês vivam de maneira digna da vocação a que foram chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando uns aos outros em amor, fazendo tudo para preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Ef 4.1–3). O fato é que, não tendo ainda alcançado o alvo da santificação, nossos pecados e falhas ainda mancham nosso dia a dia e, buscando a santidade em Cristo, precisamos confessá-los ao Senhor e contar com a paciência de nossos irmãos mais próximos para tolerar nossas imperfeições menores com vistas ao crescimento em Cristo.

É certo que Pedro tinha em mente a sabedoria de Provérbios: “O ódio provoca conflitos, mas o amor cobre todas as transgressões” (Pv 10.12). Em nossa convivência mais íntima, seja na família de sangue ou na família da fé, é onde revelamos todas as nossas imperfeições e necessidade de santificação. Ninguém deve se regozijar por ver um irmão pecar, falhar e, simplesmente, expor seu pecado. A vida seria intolerável se minha esposa resolvesse expor todas as minhas fraquezas diárias e, por essas coisas, tecer críticas. Ela

certamente teria muito conteúdo! É neste sentido que o amor cobre multidão de pecados, evita o ódio e solidifica amizades. Onde falta o amor, tudo é visto com suspeita, leva a abundância de conflito e ao desejo carnal de destruir a reputação do outro.⁹ Isto é diferente, claro, de acobertar pecados que aviltam e ferem a verdade no corpo de Cristo.

Os cristãos deveriam entender com clareza essa necessidade de crescimento que temos no corpo, usar o amor que foi derramado em nossos corações para o tratamento de nossos irmãos, se entristecer pelos pecados de outros irmãos e não tripudiar ao ver a queda do outro, como temos visto com frequência em diversas mídias, trazendo mau testemunho e grande vergonha para toda a igreja.

3.5 Receber boas informações e rejeitar as que são maldizentes, lisonjeadoras e caluniadoras

Pois fiquei muito alegre quando os irmãos vieram e deram testemunho de que você é fiel à verdade e vive de acordo com a verdade. Não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que os meus filhos vivem de acordo com a verdade (3Jo 3–4).

Não espalhe notícias falsas e não entre em acordo com o ímpio, para ser testemunha maldosa (Êx 23.1).

Filtros, fakenews e espetáculos! Um dos fenômenos bem observados por estudiosos do assunto das redes sociais é que os algoritmos dessas redes são intencionalmente desenhados para criar bolhas de informações baseados nos hábitos de acesso e navegação de seus usuários.¹⁰ Ainda mais, observa Chris

⁹ Ver o comentário de KISTEMAKER, Simon J. *Epístolas de Pedro e Judas, Comentário do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 228: “A segunda parte do versículo, ‘o amor cobre uma profusão de pecados’, é uma alusão a Provérbios 10.12, ‘O amor cobre todas as transgressões’. Pelo fato de Tiago ter em sua epístola (5.20) praticamente as mesmas palavras que Pedro escreve, supomos que esse era um provérbio bastante conhecido. Qual o significado desse ditado? De quem são cobertos os pecados? Essas palavras podem ser entendidas de modo ativo ou passivo. Um cristão ama o seu próximo e cobre a multidão de pecados dele ou o próprio cristão experimenta o amor de Deus por meio do qual os seus pecados são perdoados. Apesar de ambas as interpretações serem relevantes, tendo em vista o contexto (que enfatiza o relacionamento do cristão com seu próximo), a explicação no sentido ativo parece ser mais plausível. Deus perdoa o pecador que se achega a ele em arrependimento e pela fé (Sl 32.1). Ele exige que o pecador perdoado demonstre o mesmo espírito de perdão para com o seu próximo (comparar com Mt 6.14,15; 18.21,22; Ef 4.32; Cl 3.13).”

¹⁰ O documentário da Netflix “O Dilema da Redes Sociais”, de Jeff Orlowski, é um excelente ensaio sobre esse fenômeno. Vários criadores de conteúdo e projetistas de mídias e seus algoritmos, usando Inteligência Artificial, reconhecem o perigo criado pelas redes como forma de manipulação individual e coletiva, direcionando a mente e o coração de seus usuários para verem somente o que é filtrado para eles. Este alerta, na perspectiva cristã, está claro no recente livro de MARTIN, Chris. *Terms of Service: the real cost of social media*. Nashville: B&H Publishing Group, 2022. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/_/AOdaEAAAQBAJ?hl=en&gbpv=1. Acesso em: 07 maio 2022 (já citado anteriormente).

Martin: “Plataformas de mídias sociais são todas feitas do mesmo material: conteúdo de engajamento que lhe é servido com o propósito de modificar seu comportamento!” Sem sombra de dúvida esse objetivo tem tido grande sucesso na modificação ou, pelo menos, na exposição do comportamento de muitos cristãos e sua relação com o nono mandamento e a exortação de Tiago: “Irmãos, não falem mal uns dos outros”.

Muitas redes sociais têm o efeito de evocar o “fofoqueiro” que há em nós por meio de rumores, falsos testemunhos, interpretações enviesadas de fatos, falas, vídeos e fotos fora de contexto. Infelizmente existe uma verdadeira indústria de produção de conteúdos falsos nos vários âmbitos da vida social, cultural, política e eclesiástica. O fato é que produtores de conteúdos, cristãos ou não, estão em busca de atenção, cliques e likes e parece que, mesmo para muitos cristãos, os fins justificam os meios: espalhar falsas notícias, calúnias ou mesmo lisonjas não parece ser um problema.

Cristãos, certamente, deveriam agir de maneira diferente! Entre as proibições do nono mandamento estão a rejeição de “tudo quanto prejudica a verdade e a boa reputação de nosso próximo”, “chamar o mau, bom e o bom, mau”, “manter-nos tranquilos quando a iniquidade reclama a repreensão de nossa parte, ou denunciar outrem, falar a verdade inoportunamente, ou com malícia, para um fim errôneo”, “descobrir desnecessariamente as fraquezas de outrem e levantar boatos falsos; receber e acreditar em rumores maus e tapar os ouvidos a uma defesa justa; suspeitar mal; invejar ou sentir tristeza pelo crédito merecido de alguém.” A rejeição dessas práticas por cristãos, muitas vezes escondendo-se atrás de páginas anônimas em redes sociais, contribui para o que Reinke chama “A guerra dos espetáculos”.¹¹ Na busca de atenção e visibilidade forma-se essa guerra e, no final, “guerra é guerra”; busca-se vencer, não importam os meios. Não devemos esquecer que a calúnia não é o mesmo que debater publicamente, o que é possível acontecer de maneira civilizada (mas devo admitir que é raro!). A deterioração do debate tende a voltar a conversa para o ataque às motivações e caráter dos debatedores e a destruição da imagem do outro.¹² A exortação de Tiago 1.19-20 é fundamental para a nossa comunicação nas redes sociais e publicação de mídias: “Vocês sabem estas coisas, meus amados irmãos. Cada um esteja pronto para ouvir, mas seja tardio para falar e tardio para ficar irado. Porque a ira humana não produz a justiça de Deus”.

O fato é que todo cristão deveria ter grande consciência e muito cuidado ao publicar ou replicar qualquer conteúdo que implique na degradação do próximo. É certo que determinados pensamentos e ideias devem ser combatidos

¹¹ REINKE, Tony. *A guerra dos espetáculos: o cristão na era da mídia*. São José dos Campos: Fiel, 2020.

¹² REINKE, *12 maneiras*, p. 150.

mesmo nas mídias; entretanto, os embates e diálogos seguem na linha do ataque a pessoas e sua reputação, faltando completamente a caridade cristã. A exortação de Provérbios 18.21 sobre o poder de morte da língua continua válido para nosso meio moderno de falar, nosso teclado:

A morte e a vida
estão no poder da língua [do teclado];
quem bem a utiliza come do seu fruto.

Por último, cabe lembrar que uma das marcas das mídias sociais, a sua busca incessante de visibilidade, é sustentada pela lisonja (adulação) ou a vanglória (adulação de si mesmo), contrariando o princípio da modéstia cristã, do pensar de si mesmo além do que convém (Rm 12.3, 9-10, 14-16). Em suma, a construção das redes sociais e a publicação de suas mídias aponta para a forma moderna do exercício da idolatria, seja do eu ou do outro.¹³ Na era do *selfie* a lisonja tomou forma gráfica rápida e instantânea na qual procuramos esculpir uma imagem ideal de nós mesmos que seja celebrada pelos outros abertamente e secretamente em nosso próprio coração.

CONCLUSÃO

A revolução da comunicação e a oportunidade de ampliação e alcance da mensagem do evangelho por meio das mídias e redes sociais colocada diante da igreja e dos crentes é inegável! Poderíamos dizer que temos uma oportunidade de ouro no tocante às possibilidades de alcance da mensagem. Por outro lado, avaliando a interpretação do *Catecismo Maior de Westminster* sobre o nono mandamento, a exortação de Tiago a respeito de “falar mal uns dos outros” e, de maneira genérica, o conteúdo e comportamento de muitos cristãos nas mídias sociais, pode-se concluir que estes novos meios de comunicação, com relação ao mandamento, servem para revelar de maneira ampla e pública a fraqueza de nosso coração pecaminoso e, finalmente, potencializar o pecado que já existe em nós.

Acredito que um dos primeiros passos que devemos dar é uma atitude de autorreflexão, tanto pessoal quanto coletiva. Para muitos de nós a incorporação do uso das mídias sociais em nosso dia a dia foi natural e irrefletida, baseada na falsa crença de que essas tecnologias são neutras e, conseqüentemente, não nos afetariam se somente fizéssemos bom uso delas. Entretanto, as tecnologias carregam o potencial de mudanças que normalmente não antecipamos e isto tem reflexos tanto pessoais quanto coletivos no comportamento e comunicação de cristãos nesses meios sociais.

¹³ REINKE, *A guerra dos espetáculos*, capítulo 5: “O espetáculo do ego nas mídias sociais”.

Promover, evidenciar e falar a verdade foram substituídos por guerras públicas de palavras instigadas pela vaidade dos likes e cliques em busca de proeminência e visibilidade. O fórum público das mídias passou a ser o juiz e o júri da verdade. As bolhas de informação passaram a revelar parcialmente as histórias e narrativas formuladas a partir de informações filtradas por algoritmos e inteligência artificial, sem permitir que o todo da verdade pudesse ser amplamente escrutinado.

Outros fatores levantados como potencializadores da quebra do nono mandamento são a impessoalidade e imediaticidade que levam ao discurso irrefletido, sem considerar a pessoa e sua realidade do outro lado da tela, demonstrando ampla falta de caridade na troca de palavras. Muitos cristãos demonstram fazer online o que dificilmente fariam face a face.

Os livros indicados anteriormente nas notas de rodapé podem ser muito úteis para que indivíduos e comunidades possam refletir sobre a comunicação nas redes sociais, o impacto que isto tem causado em suas vidas e como podem usar essas mídias de forma a não quebrar os mandamentos e glorificar o nome de Deus.

ABSTRACT

This article proposes to evaluate pastorally how Christians should apply the teachings of the ninth commandment as well as James' orientations in the fourth chapter of his epistle as consumers and publishers of content in social media.

KEYWORDS

The Ten Commandments; The ninth commandment; Social media; Behavior; Judgment.